

**Comunicado de Imprensa do Centro Africano para a Biodiversidade (ACB), da Aliança da Tanzânia para a Biodiversidade (TABIO), da União Nacional de Camponeses (UNAC), da Coligação do Quênia para a Biodiversidade (KbioC), da Aliança do Quênia para os Direitos à Alimentação (KeFRA) e do Fórum dos Pequenos Agricultores da África Oriental e Austral, Uganda (ESAFF Uganda)**

## **A sociedade civil africana critica a impostura do milho transgénico da Monsanto**

**19 de Junho de 2015 – Joanesburgo, Dar es Salaam, Maputo, Nairobi, Kampala**

Organizações não-governamentais e de agricultores da África do Sul, Tanzânia, Moçambique, Quênia e Uganda condenam vigorosamente a luz verde que as autoridades competentes sul-africanas deram à companhia Monsanto para a venda comercial do seu milho transgénico (GM) “resistente à seca” para a cultura na África do Sul. Segundo aqueles grupos, não existe evidência que comprove de facto a presença da característica de resistência à seca. **Mariam Mayet**, do **ACB**, informa que “o milho GM (MON87460) não foi sujeito a uma avaliação dos riscos adequada em nenhuma parte do mundo, e não possui histórico de utilização segura. Os consumidores sul-africanos, que já estão a ser alimentados à força com propriedades GM arriscadas e mais antigas, vão agora sujeitar-se na sua alimentação diária a um transgene completamente novo, não testado e arriscado.”

O MON87460 deriva do projecto Milho de Uso de Água Eficiente para a África (WEMA), da Monsanto e da Fundação Gates. Entre outros parceiros importantes do projecto incluem-se a Fundação Howard Buffet, a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID) e o Centro Internacional de Melhoramento do Milho e do Trigo (CIMMYT). O projecto está a ser implementado na África do Sul, Quênia, Uganda, Tanzânia e Moçambique, apresentando o milho GM resistente à seca enquanto solução “inteligente”, em termos climáticos, para tensões abióticas tais como as secas. Até à data foi investida no projecto WEMA a incrível quantia de 85 milhões de USD, enquanto a Monsanto “doou” a sua tecnologia de resistência à seca, que contém um gene de proteína bacteriana de “choque frio”, o seu gene Bt resistente aos insectos (Cry1Ab) e a sua perícia técnica.

O gene resistente aos insectos (Cry1Ab) “doado” pela Monsanto ao WEMA é tecnologia antiga e descartável, já descontinuada na África do Sul, onde uma resistência às pragas é largamente reportada. Segundo **Daniel Maingi**, da **Aliança do Quênia para os Direitos à Alimentação**, “um único gene resistente à seca não pode oferecer uma solução à fisiologia complexa que é a tolerância à seca. Ironicamente, os agricultores podem obter rendimentos mais altos mediante o uso de práticas simples agroecológicas, tais como a matéria orgânica e a cobertura morta, do que através desta tecnologia dispendiosa que oferece o WEMA.”

O projecto WEMA foi censurado por ter forçado os governos da Tanzânia e de Moçambique a alterar as leis da biossegurança e das sementes de forma a facilitar a eventual implantação do milho GM resistente à seca naqueles países. No Quênia, a proibição de importação dos OGM enfrenta uma pressão crescente por parte do projecto WEMA, e no Uganda os parlamentares estão a ser pressionados a passar uma Lei de Biossegurança permissiva.

Os ensaios de campo do WEMA começaram no final de 2010 no Quênia e no Uganda, embora questões regulatórias e uma resistência tenaz aos OGM tenham impossibilitado a sua

comercialização. No Quênia, um Decreto Parlamentar aprovado em 2012 proibiu a importação de OGM na pendência da investigação dos seus impactos potenciais. Um grupo de acção comunicou ao Parlamento queniano preocupações respeitantes à falta de dados de segurança sobre os OGM e pesticidas a eles associados, assim como à falta de capacidade do governo para avaliar e acompanhar o impacto dos OGM. Segundo **Anne Maina**, da **KbioC**, “a notícia da permissão, na África do Sul, da cultura do milho GM resistente à seca da Monsanto vai incentivar muito a pressão do WEMA para que o nosso Parlamento amenize a actual proibição apesar das claras advertências do grupo de acção dos OGM.” No Uganda, o Projecto de Lei Nacional de Biotecnologia e Biossegurança foi aprovado pelo Governo em Maio de 2015 e, segundo o ESAFF Uganda, o Parlamento enfrenta uma pressão tremenda no sentido de aprovar a Lei.

Na Tanzânia e em Moçambique, realizaram-se “ensaios simulados” em 2009 e 2010 respectivamente. Ambos os países tinham nas suas leis de biossegurança disposições de “responsabilidade estrita”. Sob pressão severa e constante por parte de cientistas associados ao projecto WEMA, essas disposições foram alteradas para um regime de responsabilidade culposa. **Abdallah Mkindi**, da **Aliança da Tanzânia para a Biodiversidade (TABIO)**, afirmou que “a Tanzânia tinha um dos melhores regimes de biossegurança do continente, o qual foi alterado de uma forma não democrática para que se possa introduzir no país esta falsa solução climática – o milho GM resistente à seca. A verdadeira solução no combate às alterações climáticas consiste em apoiar os produtores de pequena escala no sentido de manter e aumentar a diversidade e resiliência agrícolas, em eliminar os produtos químicos nocivos e em colocar os pequenos agricultores em pleno controle dos seus recursos e tomada de decisões.”

Em Moçambique, o Regulamento das Sementes proibia explicitamente a importação de semente GM para o país. Essa lei já foi alterada para permitir a importação de semente GM. A actual lei das sementes, que foi aprovada pelo Conselho de Ministros em 2013 e publicada em 2014, declara nos termos do Artigo 47 (3) que é permitida a importação de semente OGM ao abrigo das disposições da legislação específica – contrariamente ao disposto no Artigo 33 da lei original, que proibia a importação e o uso de semente GM em Moçambique. Por conseguinte, as autoridades moçambicanas aprovaram ensaios de campo de milho GM resistente à seca no Chókwè. **Agostinho Bento**, da **UNAC**, membro da La Via Campesina África, afirmou que “a solução para a fome e as alterações climáticas consiste na soberania alimentar e das sementes, mas o WEMA está a desenrolar o tapete vermelho à agroindústria, que lucra com o fomento da dependência dos agricultores dos seus produtos arriscados. Nós rejeitamos o falso milho GM resistente à seca do WEMA e da Monsanto e exigimos a soberania alimentar nos nossos países.”

Segundo Mayet, “o ACB está a considerar seriamente interpor recurso contra a decisão das autoridades sul-africanas de aprovar a impostura que é este milho GM resistente à seca.”

#### **Contactos:**

África do Sul: Mariam Mayet: [mariam@acbio.org.za](mailto:mariam@acbio.org.za)

Quênia: Dr Daniel Maingi: [danielmaingi@gmail.com](mailto:danielmaingi@gmail.com) e Anne Maina: [annenjiku@gmail.com](mailto:annenjiku@gmail.com)

Moçambique: Agostinho Bento [mafoterre@gmail.com](mailto:mafoterre@gmail.com)

Uganda: Nancy Mugimba [nancymugimba@yahoo.co.uk](mailto:nancymugimba@yahoo.co.uk)

Tanzânia: Abdallah Mkindi [tabiosecretariat@gmail.com](mailto:tabiosecretariat@gmail.com)